

## O SATÂNICO FUNDADOR DA CULTURA HUMANA EM EU VIA SATANÁS CAIR DO CÉU COMO UM RAIOS, DE RENÉ GIRARD

Diego Klautau  
Mestrando em Ciências da Religião – PUC-SP  
dklautau@yahoo.com.br

GIRARD, R. (1999). *Eu via Satanás cair do céu como um raio*. Lisboa, Instituto Piaget Divisão Editorial.

Resumo: a categoria do desejo mimético, gerando o mecanismo vitimário, é fundação da cultura humana. Sejam os mitos e ritos, o Estado ou a crise mimética (iniciada pelos escândalos ou rivalidades miméticas em descontrole), todos geram uma situação de violência generalizada, indiferenciada. Apenas agindo pelo mecanismo vitimário, através da violência unânime do coletivo sobre uma vítima, a humanidade pode organizar-se socialmente. O religioso, como elemento que justifica a escolha da vítima e regula a violência, é, na verdade, a figura que os evangelhos denominam e denunciam como Satanás. Os evangelhos revelam que apenas a presença do mecanismo vitimário permite a convivência humana.

Palavras-chave: evangelhos; antropologia; desejo mimético; Satanás.

Abstract: the mimetic desire category, creating the victimary mechanism, is the foundation of the human culture. As myths and rites, the State and the mimetic crisis (started by the scandals or the uncontrolled mimetic rivalries) produce a situation of undifferentiated, generalized violence. Only acting by victimary mechanism, by collective unanimous violence against the victim, mankind could organize itself socially. The religious, as the element which justifies the choice of the victim and rules the violence is, in fact, the character that the gospel calls and denounces as Satan. The gospel reveals that only the presence of victimary mechanism allows human coexistence.

Key-words: Gospel; Anthropology; Mimetic Desire; Satan.

René Girard nasceu em Avignon, França, em 1923. Viveu o drama da Segunda Guerra Mundial e grande parte do século XX. É doutor em Filosofia e ensinou durante muito tempo na Universidade de Stanford, onde ainda reside. Seus livros têm repercussões na área literária, na antropologia, na filosofia e nas ciências da religião. Sua obra mais conhecida é *A violência e o sagrado*, do título original *La Violence et le sacré*, de 1972. O livro de René Girard *Eu via Satanás cair do céu como um raio*, publicado em 1999, com o título original *Je vois Satan tomber comme l'éclair*, Éditions

Grasset & Fasquelle, e traduzido pela editora portuguesa Instituto Piaget, retira seu título do evangelho de Lucas (10,18).

Esse livro segue a teoria do filósofo francês sobre o desejo mimético, o mecanismo vitimário, a função do sacrifício e o fundamento do mito, as origens dos deuses e a diferença central entre os textos bíblicos e a narrativa mítica.

Como ponto fundamental na teoria mimética do professor de Stanford, esse livro desenvolve a idéia de que os evangelhos são, antes de uma teoria sobre Deus, uma teoria sobre o homem. Daí a insistência do autor em trabalhar na área definida como antropologia do religioso.

Todos os conceitos de Girard são novamente colocados em questão. Revisando sua teoria sobre a violência e o sagrado, o livro possui um diferencial agudo em relação aos demais, sendo confessadamente uma apologia ao cristianismo. Contudo, ainda mantém seu caráter de antropologia do religioso. Não se trata de teologia. Debatendo com Sigmund Freud, Claude Lévi-Strauss, Mircea Eliade e Émile Durkheim, Girard busca realizar uma demonstração, não como as antigas apologéticas, não é uma demonstração das prova da existência de Deus, mas sim uma demonstração de que os textos bíblicos, especialmente os evangelhos, revelam a verdadeira natureza do desejo humano, sua organização social e institucional, e formação da cultura e do Estado.

Eu via Satanás cair do céu como um raio está dividido em cinco pontos: uma introdução, três partes, e uma conclusão. Na introdução, o autor defende a necessidade do conhecimento religioso como resgate do sentido da vida e da investigação da verdade total, dos valores em que se baseia o respeito ao homem e ao mundo. Situando o religioso como em crise, o autor identifica essa crise ao comparatismo selvagem.

A crise do religioso é, realmente, um dado fundamental do nosso tempo. Para se lhe encontrar o começo é preciso remontar à unificação do planeta, às Grandes Descobertas, talvez mais atrás ainda, a tudo o que impele a inteligência humana para as comparações. (Girard, 1999, p. 12)

Ao analisar o conhecimento que a tradição religiosa tem a oferecer, o autor retoma o método comparativo, desta vez não para estabelecer uma identificação total dos evangelhos com os antigos mitos gregos, seja de divindades, seja de heróis, mas para demonstrar a diferença fundamental entre eles. Essa diferença está na teoria mimética. O homem é um ser de desejo, um desejo de imitação e apropriação. Esse desejo, tornado rivalidade, gera uma crise mimética, resultando numa violência coletiva, generalizada, indiferenciada, apenas se apaziguando com a transformação da violência de todos-contra-todos em mecanismo vitimário, o chamado todos-contra-um ou bode expiatório.

Esse processo extratextual é a grande semelhança entre os evangelhos e a mitologia. Na verdade, é a base de toda cultura humana. A função sacrificial, do bode expiatório que assume a violência de toda comunidade, é a fundação da cultura humana. A institucionalização do mecanismo vitimário no rito sacrificial é a base do Estado.

É preciso ver, penso, em todas as violências míticas e bíblicas, acontecimentos reais cuja recorrência está relacionada, em todas as culturas, com a universalidade de um certo tipo de conflito entre os homens, as rivalidade miméticas, a que Jesus Cristo chama de escândalos. (Girard, 1999, p. 16)

Daí a importância de Satanás. Os evangelhos não apenas compartilham a mesma estrutura mimética da mitologia, mas também a revelam: a vítima sempre é inocente. O que na mitologia se mostra como tragédia, como mistério e vontade de deuses volúveis e voluntariosos, os evangelhos revelam. Jesus Cristo, pregado na cruz, é um bode expiatório que revela a condição do domínio de Satanás, aqui identificado como

o mecanismo vitimário, que regula os homens pelo descontrole do desejo, da acusação, punição, violência coletiva e unânime contra a vítima e pelo medo.

Ao revelar a crise mimética, o mecanismo vitimário, René Girard também demonstra o processo existente do assassinato fundador, no qual o sacrificado assume a condição de divindade. Porém, o que os mitos escamoteiam, escondendo a transformação, os evangelhos revelam, através da narração da ressurreição.

O presente livro constitui, em última instância, aquilo a que se chamava, outrora, uma apologia do cristianismo. Longe de dissimular este aspecto, reivindico-o sem hesitar. Esta defesa “antropológica” do cristianismo nada tem a ver, seguramente, nem com as velhas “provas da existência de Deus”, nem com o “argumento ontológico”, nem com o sobressalto “existencial” que abalou com brevidade a inércia espiritual do século XX. Todas estas coisas são excelentes no seu tempo e espaço, mas do ponto de vista cristão, apresentam o grande inconveniente de não terem qualquer relação com a Cruz: são mais deístas que especificamente cristãs. (Girard, 1999, p. 19)

Na primeira parte do livro, O conhecimento bíblico da Violência, existem três capítulos: I. “É preciso que o escândalo aconteça”, no qual o autor vai demonstrar como o desejo mimético é revelado na mitologia e nos textos bíblicos, gerando as rivalidades miméticas, os escândalos. A identificação com o modelo, a aproximação desse modelo por aquele que deseja gera o conflito mimético, pois o modelo também é imitado em seu desejo. Logo, ambos, modelo e imitador, procuram rivalizar-se pelo objeto. II. “O ciclo da violência mimética”, em que o autor demonstra que a solução encontrada para a crise mimética dos escândalos é o mecanismo vitimário.

A proliferação inicial dos escândalos resulta, mais cedo ou mais tarde, numa crise aguda, no paroxismo da qual a violência unânime se desencadeia contra a vítima única, a vítima finalmente selecionada por toda a comunidade. Este acontecimento restabelece a antiga ordem ou estabelece um novo destinado, também ele, a entrar, um dia ou outro, em crise, e assim sucessivamente. (Girard, 1999, p. 50)

Assim, no capítulo III da primeira parte, “Satanás”, René Girard demonstra a insistência dos evangelistas em definir o mal como parasita da criação de Deus; como o opressor; como o mecanismo vitimário que penaliza a vítima, tornando todos os homens desejosos de se tornarem o acusador que define a vítima e regula a violência unânime contra o bode expiatório, humano ou não. Embora não seja nada em si mesmo, Satanás é alguém, porque se instala enquanto processo na realidade da organização humana.

Na segunda parte, O Enigma dos mitos resolvidos, o autor divide cinco capítulos: IV. “O horrível milagre de Apolônia de Tiana”, onde é analisado um texto do século II, em que um sacerdote pagão, Apolônio, fiel de Hércules, realiza um milagre na comunidade de Éfeso. Esse milagre vai ser usado contra a propagação dos evangelhos nos primeiros anos do cristianismo, inclusive pelo imperador romano Juliano, chamado apóstata, que tenta reavivar o paganismo. Para Girard, esse milagre, analisado à luz da teoria mimética, é um produto tardio do mesmo processo dos mitos de criação, contudo já reduzido em sua potência e sua força. O processo de demonização de uma vítima e sua posterior divinização é, para Girard, a origem de todos os deuses e mitos. O mecanismo vitimário que apazigua a violência generalizada e indiferenciada gera a divinização da vítima, que antes fora considerada demoníaca. No capítulo seguinte, V, “Mitologia”, o autor desenvolve a concepção mítica do mecanismo vitimário com a tragédia de Édipo e os cultos de Dionísio. No capítulo VI, “Sacrifício”, demonstra como este é o regulador das condições sociais:

Em suma, é sempre um “mecanismo vitimário” eficaz que serve de modelo aos sacrifícios e que passa por divino porque, de fato, pôs fim a uma crise mimética, a uma epidemia de vinganças em cadeia que não se conseguia dominar. (Girard, 1999, p. 104)

Assim, o capítulo VII, “O assassinio fundador”, investiga desde o assassinato de Abel até a interdição por Deus da continuidade das vinganças, a cultura “caimista”, baseada na simulação do assassinato primeiro. Assim, o mecanismo vitimário, exposto no sacrifício, está pautado numa violência real, que se reatualiza através dos ritos. No capítulo VIII. “As forças e principados”, Girard demonstra que não é apenas nos ritos religiosos que o mecanismo vitimário está presente, mas na própria instituição do Estado. No sistema judiciário, as punições também têm seu fundamento no mecanismo vitimário. Tendo em vista que os mitos sempre contêm uma realidade, uma violência fundadora, que reorganiza uma comunidade que antes estava no momento de violência generalizada, a instituição do Estado é nada mais que a estruturação social reconhecida do mecanismo vitimário, não mais como um rito religioso, misterioso, mas sob égide de um poder efetivo, de monopólio legítimo da violência, um sistema judiciário, normalmente ainda integrado à justificativas míticas e transcendentais:

Se examinarmos os textos evangélicos e neotestamentários em que se fala das forças, constata-se que, implícita ou explicitamente, estas estão associadas ao tipo de violência coletiva de que venho vindo a falar, o que é bastante compreensível se a minha tese estiver correcta: esta violência é o mecanismo fundador dos Estados soberanos. (Girard, 1999, p. 125)

Na terceira parte do livro, O triunfo da cruz, a mais longa, René Girard demonstra que os textos bíblicos diferem radicalmente dos relatos míticos, pois na verdade contestam o mecanismo vitimário. Os textos bíblicos não aceitam o ciclo mimético que os relatos míticos transcrevem de forma escamoteada: crise, violência unânime através da demonização da vítima e epifania religiosa. Para Girard, os textos bíblicos sempre revelam as injustiças contra as vítimas; no antigo testamento, tendo como base o povo judeu e, nos evangelhos, o próprio Cristo. O capítulo IX, “Singularidade da Bíblia”, mostra justamente essa diferença. A análise entre a história de Édipo e de José são colocadas em comparação, mostrando as várias semelhanças, a expulsão de ambos por seus conterrâneos, o crescimento em lugares estrangeiros, a decifração de sonhos, seja a esfinge, seja o faraó, a presença da relação incestuosa e do parricídio, embora com decisões divergentes no relato mítico e no texto bíblico. No relato mítico, Édipo é expulso novamente por Apolo, que havia enviado uma peste, e somente a expulsão de Édipo poderia retirá-la. No caso bíblico, é José que perdoa os irmãos, e ao testálos, consegue redimi-los.

O mito e a história bíblica opõem-se na questão decisiva colocada pela violência coletiva, a do seu fundamento, da sua legitimidade. No mito, as expulsões do herói são sempre justificadas. No relato bíblico, isso nunca acontece. A violência colectiva é injustificável. (Girard, 1999, p. 141)

No capítulo X, “A singularidade dos Evangelhos”, a diferença entre os textos do antigo testamento e dos mitos é colocada agora em relação aos evangelhos. Nos evangelhos, o que a história de José recusa, a divinização da vítima e a vitimização do divino, acontece. Jesus Cristo é vítima e ressuscita ao lado de Deus. A explicação para isso é a questão da denúncia. Nos evangelhos, em nenhum momento Jesus é absolutamente condenado pelos narradores. Ao ler o evangelho, a violência que ocorre com Jesus Cristo é injustificável, embora sua estrutura narrativa seja idêntica aos demais mitos. A crise, a violência unânime, a demonização e ressurreição estão presentes nos evangelhos, contudo, a diferença central (todos sabem que a vítima é inocente) vai gerar o fim da crise mimética.

No capítulo XI, “O triunfo da Cruz”, o autor defende que a denúncia dos evangelhos corresponde a uma vitória da prisão dos homens ao mecanismo vitimário. A violência de todos-contra-todos que se converte na violência do todos-contra-um, o medo e a

opressão da violência unânime sobre a vítima, a justificação dessa violência através do processo de demonização e divinização primitiva, tudo é revelado pela Cruz. Em última instância, Satanás, o mecanismo vitimário em ação, é revelado.

No capítulo XII, “O bode expiatório”, René Girard insiste na revelação da Cruz, expondo as conseqüências da identificação de Jesus Cristo como vítima, principalmente na gênese da preocupação com os excluídos, uma característica social, acentuada pelo cristianismo, nunca antes vista com tanta ênfase. No capítulo XIII, “A preocupação moderna com as vítimas”, o autor defende que é essa revelação do mecanismo vitimário que marca a sociedade ocidental. Tributárias do cristianismo, as culturas ocidentais têm em sua história uma progressiva luta contra a vitimização, contra as diversas formas de o mecanismo vitimário se instaurar e de seus representantes se organizarem para utilizá-las e serem utilizados por ele, Satanás.

No capítulo XIV, “A dupla herança nietzscheana”, Girard trabalha com as questões da crítica moderna à religião da cruz. O desprezo da filosofia moderna, exemplificada no pensamento de Nietzsche, pelo cristianismo, expressa uma perigosa retomada da mitologia, entendida como ocultação do mecanismo vitimário. Contudo, esse mesmo filósofo compreendeu que é a violência coletiva que fundamenta o sagrado:

Este filósofo foi o primeiro a compreender que a violência coletiva dos mitos e dos ritos (tudo o que chamava de Dionísio) é do mesmo tipo da violência da Paixão. A diferença não reside nos fatos, que são os mesmos em ambos os casos, mas na sua interpretação. (Girard, 1999, p. 212)

A outra parte da dupla herança, no entanto, é a recusa dos filósofos a acreditarem na religião da cruz como organizadora social. O princípio cristão da preocupação com as vítimas e a denúncia do mecanismo vitimário como fundamento da religião e do sistema judiciário foi questionado, considerado como “moral dos escravos” ou como “ópio do povo”, subjacente a uma ideologia burguesa. Não que os princípios cristãos não tivessem sido usados para a opressão em todas essas posições. Contudo, objetivamente, graças à revelação da religião cristã e seu princípio organizador na história, os totalitarismos da modernidade, nazismo, fascismo e comunismo, tentaram destruí-la, reforçando o poder do Estado soberano, último formato da violência coletiva do mecanismo vitimário.

Para que o nosso mundo escapasse, verdadeiramente, ao cristianismo, seria preciso renunciar, realmente, à preocupação com as vítimas e foi exatamente isto que Nietzsche e o nazismo compreenderam. Esperavam relativizar o cristianismo, revelar nele uma religião como as outras, suscetível de ser substituída ou pelo ateísmo, ou por uma religião verdadeiramente nova, completamente estranha à Bíblia. (Girard, 1999, p. 221)

Como herança de hoje, graças à derrota dos totalitarismos, a reação moderna estabelece a recusa de qualquer discussão moral séria. A sociedade de consumo, engendrada pelos progressos técnico e pela crença da felicidade nos produtos, atenua algumas rivalidades miméticas, instaurando a tese de que qualquer moral, qualquer sentido da vida que não o consumo imediato é tentativa de repressão ou perseguição. Na conclusão de Eu via Satanás cair do céu como um raio, René Girard retoma a idéia de Simone Weil: os evangelhos são antes uma teoria sobre o homem que sobre Deus. O autor trabalha na concepção de que o cristianismo é uma religião única, que os textos bíblicos prenunciam e que possui o mesmo processo dos relatos míticos. Contudo, o cristianismo obedece ao mesmo processo dos relatos míticos no desenrolar do mecanismo vitimário, mas, ao mesmo tempo, revela esse mecanismo, o que os relatos míticos não fazem, demonstrando a vítima como fundação da cultura. Assim, a ênfase antropológica, numa perspectiva do desejo mimético do homem, não desvincula a teológica. Para Girard, a ressurreição de Jesus, abertamente descrita pelos evangelistas, é a grande novidade do cristianismo. A denúncia do mecanismo vitimário é a grande derrota de Satanás. A problemática da ressurreição percebida e

descrita nos textos é a grande surpresa. Não há explicação de como os escritores dos evangelhos tenham conseguido se ver livres do impulso mimético e não tenham sido convencidos da culpabilidade da vítima, Jesus Cristo.

A ressurreição não é somente um milagre, prodígio, transgressão das leis naturais; é o sinal espetacular da entrada em cena, no mundo, de uma força superior aos impulsos miméticos. Diferentemente deles, esta força nada tem de alucinatório, nem de enganador. Longe de enganar os discípulos, torna-os capazes de detectarem o que não detectavam antes e de se censurarem pela debandada lamentável nos dias anteriores, de se reconhecerem culpados pela participação no impulso mimético contra Jesus. (Girard, 1999, p. 233)

Por fim, René Girard insiste na questão de que sua análise antropológica em nada reduz a análise teológica, muito menos a importância da transcendência metafísica. Há avanços na modernidade, na reflexão sobre o homem, que devem dialogar com a revelação cristã. Sem ser relativista, utiliza o método comparativo, dialogando com antropólogos, psicólogos, historiadores e filósofos, defende algo muito fora de moda: esperança, fé e caridade.

#### Referências

GIRARD, R. (1990). A violência e o sagrado. São Paulo, Paz e Terra/Editora da Unesp.

\_\_\_\_\_. (1999). Eu via Satanás cair do céu como um raio. Lisboa, Instituto Piaget Divisão Editorial.